



TAXA PAGA

Voz d'AREGA

MENSÁRIO REGIONALISTA

PREÇO 80\$00

EUCALIPTO E AMBIENTE — A VELHA QUESTÃO ECOLÓGICA NA PRESIDÊNCIA ABERTA

O Presidente da República terminou recentemente mais uma "presidência aberta", desta vez dedicada ao ambiente e que foi sem dúvida aquela que mais impacto alcançou até hoje, tanto pela inegável importância do tema como pelo grande número de intervenções das populações, o que espelha a tomada de consciência e o despertar para as questões ambientais por parte do cidadão comum.

A caravana presidencial visitou grande parte do País, quase sempre acompanhada da Ministra do Ambiente e Recursos Naturais, tomando o pulso à protecção e preservação do ambiente em Portugal, com constantes chamadas de atenção e alertas sobre determinados aspectos pontuais, quer por parte de populares, de movimentos ambientalistas, nomeadamente a QUERCUS, quer também pela voz autorizada do Supremo Magistrado da Nação.

Curiosamente, no dia de encerramento desta "presidência aberta", ao fazer o balanço da mesma o Presidente Mário Soares apontou a massiva proliferação do eucalipto como o aspecto que mais o chocou, dizendo mesmo ser uma praga nacional.

Como sempre tem acontecido, o programa presidencial não incluiu uma passagem pelo nosso concelho, embora passasse pela zona de Leiria, precisamente numa altura em que o rio Lis sofria mais um desastre ecológico ao morrerem milhares de peixes, supostamente por descargas de detritos das inúmeras pocilgas situadas na sua bacia hidrográfica. Mas se o Presidente visitasse Figueiró dos Vinhos e a freguesia de Arega ficaria ainda mais impressionado ao deparar com a extensão de hectares e hectares de eucalipto que agora ocupam a quase totalidade das nossas matas, onde ainda não há muitos anos abundavam pinheiros, oliveiras, castanheiros e estevas. Por outro lado, ficaria encantado com a beleza calma do nosso Zêzere, da nossa ribeira de Alge e pela quase ausência de grandes agentes poluidores no nosso espaço geográfico.

E são essencialmente estes dois pontos que queremos focar.

Se o eucalipto foi durante alguns anos factor de desenvolvimento do nosso concelho e do País, possibilitando a entrada de somas importantes na economia das famílias do pequeno agricultor, dando assim origem à melhoria do seu nível de vida, hoje em dia é notória a decadência da sua importância económica face às desvalorizações sucessivas que tem sofrido. Por outro lado, é visível o desgaste a que os solos têm sido submetidos, o que é reconhecido por todos, desde os técnicos aos agricultores, e basta olhar para o se-guinte:

— Os muitos nascentes de águas lípidas e cristalinas que brotavam espontaneamente nas nossas serras têm desaparecido sistematicamente, assim como as "águas soltas" para rega, notando-se que algumas zonas de lameiro, outrora sempre encharcadas e que serviam de *habitat* a espécies de fauna e flora diversificadas mas específicas, são agora secas e áridas;

— Culturas agrícolas que fiquem perto de zona eucaliptada decrescem no seu rendimento em cerca de 80%;

— Tojos, carquejas e outras espécies de matagal são "abafadas" pelo crescimento destas árvores, e é sabido que uma zona de eucaliptal reconvertida a outra qualquer espécie ou cultura demora anos e anos a produzir satisfatoriamente.

Mas a "praga nacional" não é o eucalipto, é sim a ausência durante anos a fio de um plano de ordenamento florestal que evitasse a cultura intensiva desta espécie, apontando-se como principais responsáveis as empresas de celulose que compraram ao desbarato milhares de hectares de terrenos, florestando-os exclusivamente com eucalipto. Segundo os técnicos especialistas nesta matéria, esta florestação deveria ter incluído outras espécies intervaladas regularmente, minimizando assim os efeitos nocivos da monocultura. Ora quem vai pela estrada de Cabaços a Figueiró, para citar só um exemplo, não encontra outra coisa senão eucaliptos até perder de vista.

Deve então o silvicultor, a bem do ambiente, abandonar de vez as suas plantações, arcando com o prejuízo que isso lhe acarreta? Evidentemente que não, pois isso seria calamitoso, principalmente para o pequeno agricultor que tem na venda de madeira para celulose uma fonte de rendimento que vem colmatar os sucessivos prejuízos da sua pequena exploração agrícola de subsistência.

Com o anunciado Plano de Desenvolvimento Florestal prevê-se a possibilidade de abandono de solos agrícolas para plantação de floresta, recebendo os agricultores subsídios a título compensatório dos eventuais prejuízos que daí resultem; é nossa opinião que deverão também ser contemplados com incentivos monetários aqueles que se dispõem à reconversão das suas matas de eucalipto em outras espécies, porventura menos rentáveis mas susceptíveis de repor o equilíbrio ecológico. E note-se que os espanhóis, por exemplo, há já algum anos que plantam e

cultivam matas de esteva (a mesma esteva que nós cortámos para plantar eucaliptos), utilizando-a essencialmente para a obtenção de resinas de alta qualidade e também em explorações integradas de apicultura.

No que concerne à beleza do Zêzere e cursos afluentes, assim como das zonas envolventes, é e tem de continuar a ser o nosso ponto de honra.

A poluição das águas e zonas ribeirinhas é praticamente nula, não tanto pelo empenho das populações mas porque a carga demográfica é insignificante e as indústrias existentes são poucas. Efectivamente nota-se nas nossas gentes um certo alheamento e mesmo desinteresse para com as questões ambientais, percebendo-se até alguma resistência e descontentamento face a algumas medidas restritivas que visam a preservação e equilíbrio ambiental. Veja-se, a título de exemplo, que na zona da Serra de Tomar se constituiu uma associação de "amigos" do Zêzere que tem apenas por objectivo a defesa dos interesses dos proprietários que têm construções à beira-rio, em oposição às directrizes do Plano Ordenador da Barragem do Castelo do Bode, esse sim elaborado a pensar na defesa do rio e da albufeira. Poderíamos ainda acrescentar ao rol aqueles que de vez em quando praticam a pesca clandestina, utilizando explosivos ou produtos tóxicos, capturando na época da desova, etc., etc. ...

Já a *Bíblia* aponta como uma das missões do homem na Terra a defesa e preservação das espécies, sendo disso exemplo, entre outros, o célebre episódio da Arca de Noé, em que o Patriarca, para garantir a sua sobrevivência e a da espécie humana, se obrigou a proteger, a mando de Deus, a vida animal que o rodeava.

Proteger o ambiente é contribuir para que a fauna e flora sobrevivam, assegurando a própria continuidade do homem na Terra, dando assim seguimento à obra de Noé.

Em jeito de Oração...

Senhor,
Queremos agradecer-Vos pela família

Que Vos sabe presente
no nosso lar
nos passos que damos,
nas tarefas que nos propomos,
nas relações que estabelecemos.

Fazei Senhor
Que saibamos assumir os nossos compromissos
E participar dignamente na vida da comunidade.

Em Vosso nome, vivendo a Vossa palavra.

Reconhecendo e aceitando as diferenças,

Perdoando fraquezas, compreendendo erros,

Vivendo em harmonia,

Incentivando o progredir em si e nos outros,

Apoiando, acudindo, estimando.

Sendo exemplo
para outros pais
para outros filhos
para amigos
e desconhecidos.

Que em nossa família reine a confiança.

Helena Serra

Tuna Areguense - ENTREVISTA COM O TI' DOMINGOS NA PÁGINA 3

Em baixo: formação da Tuna por volta dos anos cinquenta



25 de Abril — já lá vão vinte anos!

página 7

Outros temas:

Locais 2

A fábrica da Foz de Alge... 4

Regulamento da Pesca..... 5

Saúde.
Plantas e culinária 6

Futebol distrital..... 8

Arranjos na Fonte da Mansa E PROJECTA-SE RECONSTRUIR A DA AREGA

Quem passa na estrada para Figueiró, já reparou certamente que no local onde era a chamada fonte da Mansa, nascente de águas límpidas e refrescantes, se encontra agora uma pequena construção junto à barreira, perguntando-se os menos avisados para que será aquilo e se a fonte vai acabar. O certo é que já há algum tempo tinha ruído um barreirão, tornando quase impraticável a recolha daquelas águas, havendo até quem dissesse estarem as mesmas inquinadas e portanto impróprias para consumo.

No nosso espírito de tentar veicular a melhor informação possível, abordámos a Junta de Freguesia, na pessoa do seu presidente, para assim darmos conta do que se está a passar.

Soubemos então que as obras em curso se destinam a reimplantar a antiga fonte em moldes mais modernos e de sanidade, com vista ao aproveitamento daquelas águas que muitos passantes levam desde há muito para casa em garrações, sendo opinião de muitos que a consomme ser ela de qualidade não inferior à chamada água do Luso.

Procedeu-se à limpeza do nascente, como não podia deixar de ser, tendo sido detectadas muitas raízes podres, com acumulação de matérias em decomposição e muita bicharada, e daí talvez a má qualidade da água que se registava ultimamente.

De qualquer forma a Junta mandou proceder à análise bacteriológica da mesma, por forma a averiguar da

sua salubridade.

Se for detectado que a qualidade do precioso líquido já não é a que era antigamente, verificando-se portanto a sua não potabilidade, será a fonte ligada à água da rede para que quem passe com a garganta seca se possa refrescar.

Está também prevista a implantação no local de uma pequena zona de estacionamento e merendas, com duas ou três mesas, à semelhança do que acontece em muitas zonas do País, de forma a que o viajante possa descansar e; principalmente no Verão, gozar a frescura da paisagem circundante.

Um outro projecto que foi referido, também já abordado pelo presidente da Comissão de Melhoramentos, é o de recuperar a velha Fonte da Arega, na antiga estrada da Vila para a Castanheira, agora degradada mas que tinha uma traça arquitectónica digna de nota, com bancos, lavadouros, bebedouro para animais e boas sombras. Certamente que os mais idosos se lembram bem desta fonte, que quando andavam na escola lhe serviu de palco de muitas brincadeiras. Este projecto não é para já, mas pensa-se que quando o Centro de Dia estiver concluído possa ser levado a efeito, até para reanimar uma zona da freguesia que outrora foi o centro e que presentemente está votada ao quase esquecimento.

Congratulamo-nos por estes dois projectos que certamente irão valorizar e embelezar a nossa terra. Nem só as estradas são obras!

MOVIMENTO PAROQUIAL

Por indisponibilidade do nosso pároco, devido a afazeres da sua vida particular, não podemos publicar neste número as costumadas notícias referentes ao movimento paroquial.

Pelo facto, a que somos alheios, as nossas desculpas.

MARIA DE JESUS MARTINS SECO



A 9/4/94 faleceu vitimada por doença súbita, na sua residência em Lisboa, esta nossa assinante, de 65 anos, natural da Foz de Alge.

Era viúva de Elísio da Silva Seco e mãe de três filhos: Maria Gabriela Martins Seco, Vitor Manuel Martins Seco e Joaquim Augusto Martins Seco.

A família enlutada os nossos sentidos pêsames

ASSEMBLEIA DE FREGUESIA

Reuniu no passado dia 23 a Assembleia de Freguesia de Arega, na sala da Junta, com a seguinte ordem de trabalhos:

— Discussão e aprovação das contas.

— Apresentação das obras que a Junta de Freguesia tem em curso.

Referente ao último ponto da ordem de trabalhos foram apresentadas aos presentes as seguintes obras, já em andamento: Recuperação da fonte da Mansa, na estrada Arega-Figueiró dos Vinhos, e embelezamento do local.

Construção de um lavadouro no Largo da Ribeira do Brás, de que já se encontra feito o desaterro, com aproveitamento das águas de um furo camarário em Janalvo.

Obras da pré-escola em bom ritmo

Avançam já a bom ritmo as obras do edifício destinado às futuras instalações da pré-escola nº 2, situado por trás do posto médico.

Contamos no próximo número publicar uma fotografia elucidativa do bom andamento destas obras que vêm beneficiar a população da freguesia, deixando assim de funcionar as aulas no salão que foi cedido pela Junta à Associação e que esta por sua vez cedeu à pré-escola.

Quanto às obras do Centro de Dia, ainda não arrancaram. Na próxima edição daremos notícias mais pormenorizadas.

Miranda & Miranda, Lda.

ARMAZENISTAS:

Aubos, Rações, Agro Químicos, Produtos de Limpeza, Plásticos, Papelaria, Miudezas, Electrodomésticos

Telefs.: 36262 - 36282 - Fax 36416 - 3250 CABAÇOS

MANUEL PIRES TEIXEIRA

MADEIRAS

E

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
TRANSPORTES DE ALUGUER

RAÇÕES PROALIMENTAR

Telef.: (036) 34209

AREGA

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

O CANTINHO

CASA
DE
PETISCOS

Gerência de MÁRIO FREITAS

Rua de Furtado dos Santos
(Junto ao quartel da GNR)

Telef. (036) 35749

3250 ALVAIÁZERE

CAFÉ RESTAURANTE RESIDENCIAL

MARQUES

ALMOÇOS, JANTARES, PETISCOS, DORMIDAS, CASAMENTOS,
BAPTIZADOS, BANQUETES.

TELEF. (036) 36273 - 3250 CABAÇOS

CAFÉ E MINI MERCADO MANU

Aubos, farinhas, gás
Mercearias e seus derivados

Agente de Apostas Mútuas
Totoloto e Totobola

GERÊNCIA
Camilo Barata Rodrigues

Telef. 036-34106 - CASTANHEIRA - AREGA - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MANUEL TEIXEIRA DA SILVA

ESTUCADOR

TRABALHOS POR ORÇAMENTO

Telef. (036) 34284

BREJO - AREGA 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS



FERNANDO DA GRAÇA CARVALHO EMPREITEIRO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

TELF. 036 - 34181

CASTANHEIRA

AREGA 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Casa das Noivas

De José de Jesus

TECIDOS E PRONTO-A-VESTIR PARA HOMEM,
SENHORA E CRIANÇA

SECÇÃO DE SAPATARIA PARA TODAS AS IDADES
Telef. (036) 36242 - 3250 CABAÇOS

PAPELARIA BRUNO

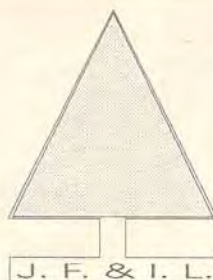
de PEDRO MIGUEL ROCHA ALMEIDA

Livros Escolares - Jornais, Revistas - Brinquedos

R. Dr. António José de Almeida, 12
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Filial no Terminal Rodoviário - Tel. 036-53437

Agente do Jornal Voz d'Arega



José Freitas & Irmãos, Lda.

COMÉRCIO DE MADEIRAS E

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Telef. (036) 34230

Braçais - Arega - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

A Tuna Areguense pela voz de um executante

Vamos cumprir a promessa que já há tempo tínhamos feito de entrevistar um dos elementos da saudosa Tuna Areguense, de boa memória.

Foi numa tarde de domingo soa-lheiro que fomos encontrar o Sr. Domingos Simões Brás, o Ti' Domingos da Portela, como é mais conhecido, sentado na eira e a tratar da sua inseparável guitarra. Depois de dizermos ao que íamos, a conversa estabeleceu-se naturalmente:

Voz d'Arega— Ti' Domingos, lembra-se dos princípios da Tuna, como começou?

Domingos Simões Brás — Segundo a data que está na bandeira, a Tuna começou em 1 de Março de 1937, e eu acho que o princípio foi mais ou menos assim: estava cá um professor, chamado Telésforo Manuel Barria Maia, que morava ali naquela casa ao pé do falecido Aniceto, chamada o "Poleiro dos Cucos", que tocava muito bem violino e sabia música. Daí acho que veio a ideia de se formar um grupo de rapaziada música, e formou-se uma comissão de que faziam parte, salvo erro, o Dr. Manso, o Jacinto Baião, o Canelhas, o Gonçalves Ramos... Acho eu que eram mais ou menos estes...

V. A. — Então já havia quem executasse algum instrumento cá na terra, ou aprenderam todos com o professor?

D. S. B. — Não, a maior parte aprendeu naquela altura. Se havia quem já tocasse qualquer coisa era só um ou dois. Na altura eu era um puto mas já mexia na guitarra, e até

acontece que o professor distribuiu o solfejo por todos e a mim disse-me que não valia a pena, porque como tinha bom ouvido não era preciso aprender por música. Gostava de ter aprendido a ler música, mas como tinha boa orelha...

V. A. — E os instrumentos, quem é que os comprava?

D. S. B. — Cada qual comprava o seu, só houve um caso, que eu saiba, em que a comissão arranhou o instrumento porque a pessoa era bastante necessitada.

V. A. — Onde é que o grupo ensaiava?

D. S. B. — Os ensaios eram na escola, que era na casa do adro que é hoje dos Baiões, na parte de cima. Começava às 9 da noite e o horário era rigoroso, quem não estivesse a horas pagava uma multa. A rapaziada daquele tempo levava uma vida dura, todo o dia, de sol a sol, agarrados à enxada ou por esses mata-gais, mas à hora certa lá estavam. Quando se entrava para a Tuna pagava-se uma jóia de dez escudos, naquele tempo era bastante dinheiro, e essa importância era para descontar dez tostões por cada falta ao ensaio. Lembro-me até de uma vez que, salvo erro, o Lopes dos Braçais chegou ao fundo da escada estavam a bater as 9 horas, quando lá chegou a cima já a falta estava marcada e os dez tostões descontados mas mesmo assim assistiu ao ensaio. Aquilo é que era um rigor, não era como quando foi do Rancho que marcava-se ensaio para certa hora e as pessoas apareciam uma ou duas horas depois e ainda com ar de quem estava a fazer um grande favor.

Está certo que agora há a televisão e os cafés e naquele tempo a nossa distração era a música, mas que raio, as coisas ou se levam a peito ou mais vale não começar!

V. A. — A Tuna era essencialmente composta por instrumentos de corda, não é verdade?

D. S. B. — É verdade, tinha bandolins, banjos, violas e violinos. Depois veio também a flauta, que era o meu falecido irmão que tocava.

V. A. — Onde é que actuavam?

D. S. B. —

Bem, quando já estávamos aptos para actuar em público começámos a fazer as festas das redondezas, zona de Figueiró, Olalhas, e por aí fora. Tínhamos uma licença do bispo para tocar nas festas religiosas e acompanhávamos à missa, na procissão, mais ou menos como as filarmónicas. Mas onde nós estivéssemos a tocar as filarmónicas perdiam a freguesia.

V. A. — E como é que se transportavam?

D. S. B. — De bicicleta, quem a tinha, e de carroça. O Pires do Brejo tinha um macho e levava pessoal na carroça, o falecido Eugénio ia a cavalo, e era assim...

V. A. — Sabemos que tinham uma farda e estandarte....

D. S. B. — Pois, usávamos uma calça branca e bivaque. Os bivaques foi um tal João alfaiate, do Brejo, que os fez e ofereceu à Tuna. O estandarte ou bandeira ainda existe. Estava em casa do meu falecido parente Evaristo Simões, que foi o último mestre da Tuna. A viúva entregou-me e eu estou a tratar de a meter em moldura, com a despesa à minha conta, é até o Américo Ferreira que está a tratar disso, para depois ser colocada na sala da Associação ao lado da bandeira do Rancho e de fotografias da Tuna. Houve por aí opiniões que devia ser entregue à Junta de Freguesia, porque é uma coisa que nunca acaba

e a Associação pode acabar, mas pus-me a pensar e acho que o lugar certo é ao pé da bandeira do Rancho porque não tinha jeito nenhum uma coisa num lado e outra no outro. Se a Associação acabar, então a Junta tomará conta. Acho que é a ideia mais certa e penso que a Isaura e o Manuel (viúva e filho do Sr. Evaristo Simões) estão de acordo.

V. A. — Finalmente a Tuna acabou. Como é que foi isso?

D. S. B. — Bem, primeiro o professor Telésforo foi-se embora, veio depois o Lourenço, que era maestro da Filarmónica do Carril, e ainda cá chegou a vir o Rosa, da Música do Avelar. Depois é que o falecido Evaristo Simões passou a reger a Tuna, e assim se foi aguentando. Entretanto uns foram para o Brasil, outros para Lisboa, outros casaram e desinteressaram-se, não aparecia ninguém novo e lá por volta dos anos cinquenta acabou mesmo. Foi uma pena!

V. A. — Se hoje voltasse a existir outra Tuna ou coisa semelhante, você estaria lá, concerteza...

D. S. B. — Ó amigos, estou velho, mas até que pudesse arrojear as botas estava lá sempre. É das coisas que mais pena me mete é ter-se deixado acabar tudo, primeiro foi a Tuna, depois foi o Rancho... se todos pensassem como eu!...

A conversa continuou ainda tarde fora, acompanhada de um sabo-



Na casa da eira, o Ti' Domingos satisfaz um vício antigo: dedilhar a inseparável guitarra

roso néctar da lavra do Ti' Domingos, entre recordações saudosas e vislumbres de futuro.

Talvez um dia os que ainda sobrevivem se juntem, como já o fizeram há uns anos, para mostrar aos novos que a arte nunca esquece. E talvez que os novos ganhem o gosto por fazer a sua própria música em vez de a procurarem nas telefonias, nos vídeos, nos CD's....

Pela nossa parte o tema ainda não está esgotado, voltaremos a falar da Tuna brevemente.

Novos assinantes

Os novos assinantes continuam a chegar, não tantos como desejávamos, mas de qualquer forma agradecemos a todos aqueles que têm respondido e continuam a responder à chamada.

2000\$00 — Manuel dos Santos Carvalho, que liquidou já o ano de jornal referente a 94-95.

1000\$00 — Emídio Borges Gomes, agora também nosso colaborador.

800\$00 — Maria Emília Carvalho Nunes; Fernando Marques; Agostinho Gomes Furtado; João Gomes Furtado; Fernando da Conceição Antunes.

Bem hajam todos pela vossa colaboração, na certeza de que pela nossa parte faremos o melhor que soubermos e pudermos para manter este jornal, no mínimo com o nível conseguido até agora.

ESSERP - Escritórios de Serviços e Projectos, Lda.

Contabilidade, Contencioso e Estudos

Praça Dr. António José Pimenta, 4 - Sotão
(Junto à Maribel)

Telef. 52313 - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

GRACINDA BORGES SIMÕES

PRODUTOS AGRÍCOLAS

JOSÉ DA SILVA

ESTUDADOR

Encarrega-se de todo o trabalho respeitante à sua arte

Telef. 036-34228 - CARREIRA - AREGA - 3260 F. VINHOS

Manuel Rosa Borges, Lda.

ESTUDADOR

ENCARREGA-SE DE TODOS OS TRABALHOS
RESPEITANTES À SUA ARTE NA CONSTRUÇÃO CIVIL

Travessa de D. Dinis, lote 22,1.º, Esq. - Telef. 947 78 75
BAIRRO DO GRILO - CAMARATE - 2685 SACAVÉM



OFICINA AUTO
DE



João Luís Almeida



ESPECIALIZADO EM VW E AUDI



BAIRRO DA MIMOSA - RUA 8 DE JUNHO, LOTE 25, 84-A
2675 ODIVELAS TELEFONE/FAX: 9377801

José da Conceição Cabral

MOAGENS DE FARINHAS EM RAMA E
PENEIRADA PARA PANIFICAÇÃO E
USOS CULINÁRIOS

VENDA DE RAÇÕES E CEREAIS

FILIAL EM RIBEIRA DO BRÁS
Sede:

CABAÇOS - TELEF. (036)
36175 3250 ALVAÍZERE

JOSÉ HENRIQUES BAIÃO

CASA FUNDADA EM 1922

COMÉRCIO MISTO E BAR
RAÇÕES E ADUBOS PARA A AGRICULTURA

Agente das Companhias de Seguros: Tranquilidade, Bonança,
Inter Atlântico e Império

Telefone 036 - 34 151-(posto público)
AREGA - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MORAIS

GRANDE SORTIDO DE
PULSEIRAS, FIOS, ANÉIS
DE NOIVADO E ALIANÇAS

OURIVESARIA - RELOJOARIA

De Mário T. Morais

Relógios: Seiko. Citizen. Orient. Casio

Estabelecimento-sede em Avelar -/- Filial em Cabaços

AREGA ATRAVÉS DOS TEMPOS

A ferraria da Foz de Alge (2)

Elsa Morais Lopes

Vamos continuar o tema que iniciámos na passada edição: A ferraria da Foz de Alge.

Como foi referido, esta ferraria foi mandada encerrar pelo Marquês de Pombal, mas retomou a sua actividade em 1802, no reinado de D. Maria II.

A ferraria funcionou durante 32 anos, vindo a fechar em 1834. Durante este período de tempo, por ela passaram quatro administradores:

— José Bonifácio de Andrada e Silva (1802—1819).

— Domingos Vaudelli (1819—1824).

— Guilherme Eschwege (1824—1829).

— Joaquim Fragoso da Mota Sequeira (1829—1833).

Sobre o desempenho e consequente repercussão no funcionamento da ferraria nos fala o Eng.^o J. Silva Carvalho na sua obra "A ferraria da Foz de Alge". O autor divide o seu trabalho por cada uma das administrações que passaram pela ferraria: quatro. Dados o pormenor e o detalhe com que nos é descrito o funcionamento da fábrica, pensamos que é da utilidade de todos nós ter presente este excelente trabalho. Por isso, para que possamos ter um conhecimento um pouco mais completo da actividade levada a cabo pela ferraria, faremos a divisão a que J. Silva Carvalho procedeu, falando neste artigo da administração de José Bonifácio de Andrada e Silva. Dos administradores que se lhe seguiram daremos conta nas edições subsequentes.

Antes ainda de falarmos do trabalho de José Bonifácio de Andrada e Silva, só a transcrição de uma citação de J. Silva Carvalho no seu livro: "A Foz de Alge foi, precisamente, o núcleo onde se obteve todo o ferro que fabricámos na 1.^a metade do século XIX". E ainda — as matérias-primas — o minério, o calcário e a cepa — eram extraídas na região, toda ela incluída no vasto < distrito — das ferrarias > cuja demarcação, fixada por lei, abrangia, entre outras, as vilas de Figueiró, Certã e Vila Nova de Ourém, assim como a cidade de Tomar".

José Bonifácio de Andrada e Silva foi nomeado Intendente Geral das Minas e Metais do Reino por Carta Régia de 18 de Maio de 1801 e professor de Metalurgia da Universidade de Coimbra. Desde logo ficou encarregue de dirigir as minas e fundição de ferro de Figueiró dos Vinhos.

Criou-se no ano seguinte, mais precisamente a 30 de Janeiro de 1802, a Intendência de Minas e Metais do Reino, organismo encarregue de superintender toda a actividade mineira e metalúrgica no Continente Português.

Demarca-se também um "distrito" das ferrarias que compre-

endia a Barquinha, V. N. de Ourém, Alvaizere, Penela, Pedrogão e Tancos. Neste "distrito" incluíam-se as antigas fábricas — Prado, Machuca e Foz de Alge.

A ferraria da Foz de Alge encontrava-se em ruínas, mas a restauração ainda era viável. Os trabalhos de reconstrução foram dirigidos por Matheus, inglês contratado em 1801 para "mestre das fábricas de ferro" e que em 1802 foi nomeado *feitor* da ferraria.

Só que a lentidão com que as obras foram empreendidas é notória, pois a 17 de Agosto de 1802 ainda não se tinha iniciado a obra do açude.

As inundações ocorridas no Inverno de 1802-1803 mais dificultaram a consolidação do açude, pois destruíram o que até aí tinha sido feito.

É claro que o atraso nas obras de restauro acarretava consigo o dispêndio de grandes somas de dinheiro, pois era necessário pagar aos trabalhadores, pagar materiais e respectivos transportes, e o funcionamento da fábrica tardava a começar. Antes de Setembro de 1803, não se teria provavelmente realizado nenhuma experiência na ferraria. A primeira fundição de ferro teria terminado a 14 de Dezembro de 1803. Mas o funcionamento da fábrica muito deixava a desejar.

O novo substituto do conde de linhares (que fora grande entusiasta da dinamização das ferrarias) na direcção do Erário Régio, retirou o auxílio financeiro à Intendência de Minas e Metais do Reino. Determinou Vasconcelos e Sousa que as ferrarias fossem entregues ao Provedor da Comarca de Tomar. Apesar de tudo, as ferrarias não foram fechadas. A sua parte administrativa foi entregue à Real Fábrica das Sedas e Obras de Águas Livres. Seria esta entidade que receberia os lucros da fábrica de ferro e entraria com o dinheiro necessário para as despesas.

José Bonifácio continuava como Intendente, a dirigir tecnicamente as Minas e ferrarias.

As tentativas siderúrgicas não estavam a ser bem sucedidas. Mandaram-se vir fundidores e refinadores da Alemanha, pois precisava-se fundamentalmente de pessoas com experiência prática. Outros alemães contratados anteriormente, se bem que dotados de conhecimentos teóricos, tinham sérias dificuldades em conferir à fábrica o rendimento desejável.

Só que a vinda dos novos técnicos falhou. As fundições que se fizeram em 1806 e 1807 fracassaram, pois não se conseguia acertar com a mistura adequada para fazer ferro de qualidade aceitável.

Pelo que nos é dado a entender, a contratação dos técnicos era feita um pouca às escuras, pois não se asseguravam previ-

amente dos reais conhecimentos práticos dos trabalhadores contratados. Os pretensos especialistas pouco sabiam afinal. Paratudo isto contribuíram, igualmente as prolongadas ausências de José Bonifácio que continuava a leccionar em Coimbra e que dirigia as ferrarias amiúde por correspondência. Não se deslocava ao local de fabrico para se assegurar pessoalmente da boa execução das suas obras, o que trouxe graves consequências para o funcionamento das ferrarias.

Como se isso não bastasse, também as invasões francesas em muito prejudicaram a fábrica da Foz de Alge.

Aquando da 1.^a invasão, em Novembro de 1807 por Junot, a rainha embarcou para o Brasil e com ela o conde de Linhares, criador da Intendência de Minas e Metais do Reino, e Tomaz de Vila Nova Portugal, amigo de José Bonifácio na Real Fábrica das Sedas, que, como se sabe, financiava a indústria mineira.

Em fins de Novembro cessaram os subsídios que a Intendência recebia.

Os encargos eram muitos. Só a Foz de Alge absorvia por ano 2.210.000 réis em ordenados sem contar com ferramentas e outras despesas.

Em Janeiro de 1808, e dada a situação económica, propuseram os directores da Real Fábrica das Sedas que o fabrico de ferro passasse para a iniciativa particular. Em Fevereiro de 1808 Junot passou a governar o país em nome de Napoleão. Apesar de a 22 de Agosto de 1808 se ter voltado à normalidade e do Príncipe Regente ter nomeado um governo, a incerteza prevalecia. Não se sabia como terminaria o conflito com os Franceses, era ainda muito cedo para algum compromisso se estabelecer com o governo português. Naturalmente que os

empresários temiam arriscar e quanto aos estrangeiros residentes em Portugal, nomeadamente os alemães ligados à indústria do ferro, tinham a sua situação bem mais segura — com boas condições previstas nos contratos de trabalho para se arriscarem a um lucro duvidoso.

Em 1809 a fábrica teria sido abandonada, e os trabalhadores ter-se-iam agrupado para defender a região do Zêzere — falava-se em nova invasão que ocorreu efectivamente em Fevereiro de 1809 quando Soult invadiu Chaves. Os franceses são derrotados a 10 de Maio de 1809. Na Foz de Alge os bosques tinham sido abandonados e a cepa queimada na cozinha. Os que ficaram pouco trabalhavam, por isso em 6 de Abril aprovou-se o novo sistema de trabalho, baseado em empreitadas. Pretendia-se desse modo aumentar a produtividade das ferrarias.

Entretanto deu-se a 3.^a invasão, em Agosto de 1810; de Massena. Só que não se averiguaram as repercussões desta invasão. O que se sabe é que,

devido aos saques de que os povos foram vítimas o Governo ordenou à Real Fábrica das Sedas que se mandassem fazer instrumentos de Lavoura. Nas ferrarias da Foz de Alge passaram a fabricar-se alfaías agrícolas. Por outro lado o Governo encomendou também um fornecimento de balas. Mas para empreendimentos tão grandes a fábrica não tinha dinheiro nem pessoal. As Câmaras Municipais não pagavam os objectos de lavoura que a fábrica fornecia. Aprovou-se então uma tabela de preços para vender os instrumentos ao público. Deste modo se tentava angariar dinheiro para as fundições.

Só que os problemas de funcionamento não se resolviam. As desavenças constantes entre os empregados e a sua lentidão para isso contribuíam. João Craveiro de Faria, que dirigia a fundição em 1813, pedia insistentemente a José Bonifácio que visitasse os trabalhos. Mas as ordens deste seguiam por correio, desde o modo de fabricar bom

(Continua na página 7)



Mapa do Distrito das Ferrarias, publicado em A Ferraria da Foz de Alge, de J. Silva Carvalho. — Note-se que a localização de Figueiró dos Vinhos não está correcta, provavelmente por erro do desenhador, aparecendo localizado na margem esquerda do Zêzere, mais ou menos onde se situa a Várzea de Pedro Moura.

OURIVESARIA LOURENÇO

RELÓGIOS, OURO E JÓIAS — CASA ESPECIALIZADA EM ÓPTICA MÉDICA
TAÇAS, TROFÉUS E MEDALHAS DESPORTIVAS

UMA TRADIÇÃO DE BEM SERVIR

Telef. (036) 52105 - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

À MINHA AREGA AMADA

Então um canto saudoso
À minha Arega amada,
Meu berço, relicário formoso
Encostado ao poente, na assentada...
Pelo sol beijado em despedidas,
Ao partir rubro e ourado
Para encantar milhares de vidas.

Depois a noite surgia
Mostrando o céu grandioso,
Quando de estrelas mil se revestia.
Oh! quão cintilante e esplendoroso
Por sobre o fosco da minha terra,
Que escondia minha gente,
Que em paz sonhava nos seios da serra.

Oh! Sim, como eu me lembro
Da lua a surgir corada,
Em noites tão quentes de Setembro
Alumiando minha aldeia branqueada.
Lá na fonte alumiava a ventura,
Inspirava mais amor,
Abraços, beijos, quanta doçura...

Sim, com amor eu canto,
À deusa amada minha...
A minha morena que amei tanta...
Oh! Mas quanta graça e encanto tinha!
Para mim, Deus nos céus, ela na terra
Era tudo para mim,
Por sua causa pelejaria na guerra.

Lindas festas de São João
Atraíam a juventude
Lá no terreiro, cheia de animação,
Com a vida nas veias, quanta saúde!
Integrei também a viva roda,
Dancei, alegre cantei,
Apreciei aquelas danças da moda...

Com arte o sanfoneiro
Atraía a mocidade,
E o som que era alegre e fagueiro
Convidava a si qualquer idade.
Compareciam também os idosos
Para ver a flor da vida,
A lembrar o passado saudosos.

Por mim, não sei se o São João
Amava a brincadeira,
Pois que era grande a celebração,
Briosa varava uma noite inteira...
A mocidade muito animada,
Fiel aclamava o santo,
Com cantos na roda à desgarrada.

Foguetes pipocavam
Lá no céu com estridor,
Subiam os balões e deslumbavam
O esplendor vivo da luz e da cor
Símbolo ardente do imenso santo
A fulgir, em sua memória,
Pelos jovens apreciado tanto.

As minhas mãos calosas
Aragou-as minha Eva...
Oh! As lembranças minhas saudosas,
Que mesmo hoje nem um vento leva,
Nem um beijo dado, que no escuro
Satisfaz o nosso amor,
Com promessas, visões de futuro.

Amo meu primeiro amor,
Aquele que me deu à luz,
Que me mostrou luzidio o fulvo alvor!
Atraente, que tantas vidas seduz,
A brilhar na montanha do oriente,
A varar densa rama,
Espelhando na água da vertente.

D'onde nasci podia ver,
Fluindo a luz nos pinheirais,
O orvalho na relva ao amanhecer,
O escarcéu muito alegre dos pardais.
Quantas vezes me levantei cedo,
Queria ver o sol a raiar,
Das aves dos céus o canto ledado.

Oh! Recordações minhas
Vividas cada instante.
O aspecto dumas casas branquinhas,
O povo meu sempre dileitante...
Laborioso, bem cedo a tamancar,
De enxada às costas
Para a terra romper, depois semear.

Então o calor do meio dia
Despertava a cigarra
Que cantava, estridente zenia,
Que nem sei para quê tanta farra.
E o roçador ia atrás de um fio d'água
Perto das verdes samambaias,
Saciando no peito a ardorosa frágua.

Ali voavam os pinhos
Em espiral, com arte
Caíam no mato, à beira dos caminhos,
Espalhando-se por toda a parte,
Assim brotavam extensos pinhais;
Por aquelas encostas
Vicejantes cresciam briosos demais.

Regatos e ribeiros
Eram vivos santuários...
Nas orlas, silvados e salgueiros,
Solares de cânticos mil diários.
Melros, pintassilgos e rouxinóis
Cantavam ao desafio
Num festival de famosos heróis.

Nas herdades viçosas
Quantos frutos luzidos,
Que pendiam das árvores vistosas,
Alguns perdiam-se pelo chão caídos.
Oh! Quanta fartura de dar gosto,
Figos, nem tinham dono,
Ninguém passava fome em Agosto.

Milhares verdejantes,
Pelas quintas de Arega
Ocultavam deusas diletantes
Ocupadas no tempo da rega.
Ao longe entoavam os lindos cantos,
Despertar de corações,
Que se prendiam àqueles encanto.

Vinha o recolhimento
E à noite pelas eiras,
A mocidade em divertimento
Incentivava várias brincadeiras,
Cantava em muitas escamisadas
Alumiada pela lua,
Nela inspirada em tantas noitadas.

Fui feliz desde criança
Ainda que de pé no chão!
Oh! Ricos tempos meus de bonança,
A aurora a iluminar-me o coração...
Oh! Minha escola, luz e alvorecer,
Visão dos horizontes,
Fundação dos alicerces do saber.

Ganhei uma grande doação,
Veio da escola modesta,
Para mim uma esplêndida visão,
Saber ler que me anima e consola.
Foi meu pai que, pela mão me levou
Ao bom posto de ensino,
E minha mãe com afeição me orientou.

Naquele tempo antigo
Poucos aprendiam a ler...
Graças ao meu pai o melhor amigo
Que essa luz me mostrou a esplandecer.
Por ele, a mim chegou essa herança,
A sublime riqueza
Que mostra o caminho da bonança.

Isto isto é uma realidade
Iniciada no meu alvor,
Em minha Arega rica em beldade
Onde flui a vida, cânticos e amor,
A expressão de corações a aclamar,
Mostrando o que vai na alma,
Irmanados no mesmo caminhar.

Saudoso aclamo e canto
À paisagem singela...
Há meio século vivi este encanto!
Obra do Criador, imagem bela
Com uma igreja sua morada,
Franca, boa e acolhedora,
Na Santa missa sempre lotada.

Arega. Teu panorama
Será o mesmo ainda?
Aqueles urzes e as aves da fama,
A cotovia, a melodia linda,
Que radiante subia aos céus a trinar...
Seria o seu um hino de amor,
O incentivo pra mais alguém amar?...

Parecia em certas manhãs,
O sol surgir mais cedo
A colorir alvoradas louças,
Para beijar o recanto ledado,
A face da minha terra criadora,
Onde a vida atrai e encanta
Por ser tão bonita e promissora.

Logo soavam os sinos
Em homenagem a Maria...
Em cada lar louvores matinhos,
Quantas graças a Deus por mais um dia
A despertar grandes e pequenos,
A renovar a lida
Em lugares rústicos e amenos.

Por aquelas fazendas
Comiam broa escarolante,
Algumas sardinhas nas merendas,
Goles de vinho, algo ativante,
Que fazia o trabalho melhor render,
E com ânimo aceso
Assim lutavam até ao anoitecer.

Aos domingos, santos dias
Nas adegas, compadres,
Bebiam vinhos, cantavam melodias,
Também se ajuntavam as comadres
A provar o sabor branco e tinto
Em conversa animada,
Influência do líquido distinto.

O Natal em Carreira
Não passa esquecido.
Naquela noite a orlar a lareira,
O conjunto familiar querido...
Meu pai, minha mãe, irmãos, minhas irmãs
Saboreando os velhoses,
Vinhos, figos secos, nozes e maçãs.

À meia noite os foguetes
Troavam em toda a parte.
Para descuidados os lembretes,
Motivo porque faziam tanta arte.
Eis! Dos céus o Menino Deus surgia,
Príncipe da paz e o amor,
Festejado entre nós com alegria.

Surgiam comemorações
E cada qual em sua era.
Nos festejos, fogaças e pregões
Apreciados por quem considera
Um bom leitão, frutos saborosos
De criar água na boca,
Comidos em recantos frondosos.

Na festa da Padroeira,
Senhora da Conceição,
Surgia o povo da freguesia inteira,
Por suas graças, com a gratidão
Em homenagem humilde e dedicada,
A entoar cânticos de amor
À Mãe de Jesus, por Ele a nós doada.

Estes cânticos foram elaborados em
Outubro de 1985.
Isto era o que senti em minha alma e
resolvi descrever.
São Paulo, 17 de Março de 1994.
Emidio Borges Gomes.

Leonel da Silva Gomes

Pintor da construção civil
Telefone (036) 36052 - Casalinho de Santa Ana
AREGA - 3260 FIGUEIRO DOS VINHOS

VISITE-NOS
NÃO QUEREMOS (SÓ)
VENDER MÓVEIS
QUEREMOS FAZER AMIGOS!
SOMOS
MÓVEIS MIK
CABAÇOS
3250 ALVAIAZERE
036 - 36235



SABER DA LEI

Uma vez que estamos inseridos numa zona de pesca em águas interiores, iremos dar a conhecer o seu regulamento resumido conforme é apresentado pelo Instituto Florestal.

Por fim, daremos a conhecer algumas penalidades previstas para os infractores às leis da pesca.

A actividade da pesca nas águas interiores é regida pela Lei nº 2097, de 6 de Junho de 1959, regulamentada pelo Decreto nº 44 623, de 10 de Outubro de 1962, actualizado pelo Decreto nº 312/70 de 6 de Julho.

LICENÇAS DE PESCA

Só aos indivíduos portadores de licenças é permitida a pesca. As licenças de pesca dividem-se em gerais e especiais.

As gerais são anuais e de quatro tipos:

Nacional — dá o direito a pescar em todo o território nacional.

Regional — dá o direito a pescar apenas na região a que diz respeito, havendo 3 regiões: Norte, Centro e Sul.

Concelhia — dá o direito a pescar no respectivo concelho e nos que lhe são confinantes.

Dominical — permite pescar apenas aos domingos e feriados, na área do concelho a que se refere e nos concelhos confinantes.

As licenças especiais podem ser de 3 tipos:

Para zona de pesca reservada — o modo de obtenção e a validade destas licenças estão expressos nos regulamentos próprios destas zonas; salvo aos pescadores estrangeiros é obrigatória também a licença geral.

Para concessão de pesca — é diária e adquirida junto das entidades concessionárias; salvo aos estrangeiros não dispensa a licença geral.

Para estrangeiros — em trânsito até 5 dias e que pretendam pescar apenas um dia.

As licenças gerais de pesca obtêm-se junto dos Serviços Centrais, Regionais ou Locais do Instituto Florestal. É obrigatória a apresentação do Bilhete de Identidade ou, no caso de pescadores estrangeiros, de qualquer outro documento de identificação.

Os indivíduos estrangeiros, não residentes, que participem em concursos de pesca desportiva devidamente autorizados estão dispensados da posse de licença geral de pesca.

HORÁRIO DE PESCA

Só é permitido pescar do nascer ao pôr-do-sol.

ARTES E ISCOS

Na pesca desportiva só são permitidas a cana e a linha de mão, com excepção da pesca do lagostim de

água doce onde é permitida a utilização da balança ou ratel.

Nas zonas de pesca reservada e nas concessões de pesca só é permitido o uso de cana e de balança.

No caso do lagostim da Luisiana a sua captura pode efectuar-se à mão.

Como auxiliares da pesca desportiva o pescador pode utilizar o gancho sem farpa ou bicheiro, a rede-fole ou camaroeiro e o laço na pesca ao salmão.

O pescador desportivo não pode utilizar simultaneamente mais do que dois aparelhos (cana ou linha de mão), devendo estes estar sempre ao seu alcance.

Cada cana ou linha de mão não pode ter mais de 3 anzóis ou no máximo uma fateixa de 3 farpas, à excepção dos iscos artificiais que podem ter qualquer número de anzóis.

Na pesca aos salmonídeos só é permitido o uso da cana, sendo proibido usar mais do que uma.

Não é permitido iscar nem engodar com ovos de peixe em qualquer curso de água, lagoa ou albufeira, ou com larvas naturais nas águas com salmonídeos.

RESTRIÇÕES AOS LOCAIS DE PESCA

Não é permitido pescar dentro das eclusas, aquedutos ou passagens para peixes.

ÁGUAS PARTICULARES

Nas águas classificadas de particulares e desde de que devidamente sinalizadas, só podem pescar os indivíduos autorizados pelo proprietário. Todavia, nestas zonas a pesca encontra-se submetida à legislação em vigor.

ÁGUAS SALMONÍDEAS

Nos cursos de águas classificadas de salmonídeos não é permitida, durante a época do seu defeso, a pesca de quaisquer outras espécies aquícolas com excepção do lagostim. No período em que é livre a pesca dos salmonídeos é também livre a pesca das restantes espécies.

CALENDÁRIO DE PESCA

Salmão — 1 de Março a 31 de Julho. 55 cm de comprimento mínimo
Truta vulgar, Truta arco-íris (a) — 1 de Março a 31 de Julho. 19 cm de c. m.

Truta marisca (b) — 1 de Março a 31 de Julho. 30 cm de c. m.

Lampreia — 16 de Janeiro a 14 de Junho. 35 cm de c. m.

Sável — 1 de Fevereiro a 14 de Junho. 35 cm de c. m.

Savelha ou Saboga — 1 de Fevereiro a 14 de Junho. 20 cm de c. m.

Carpa, Barbo e Achigã (c) — 1 de Junho a 14 de Março. 20 cm de c. m.

Boga (c) — 1 de Junho a 14 de Março. 10 cm de c. m.

Tenca (c) — 1 de Junho a 14 de Março. 15 cm de c. m.

Escalo, Pimpão — Todo o ano. 10 cm de c. m.

Enguia — Todo o ano. 20 cm de c. m.

Continua na pág. 9

Adelino da Silva Simões & Filho, Lda.

COMÉRCIO DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

• Azulejos	• Louça sanitária	• Fibrocimento
• Banheiras	• Ferragens	• Tintas Dyrup
• Lava-Louças	• Ferramentas	• Cimento
• Pavimentos	• Tubos e acessórios	• Ferro

COM SALÃO DE EXPOSIÇÃO

Telef. (036) 36151. Fax: 36328
CABAÇOS - 3250 ALVAIAZERE

PELA SUA SAÚDE!

DR.ª PAULA PINTO ALVES (*)

Já todos ouvimos falar de Osteoporose. Associamos a esta palavra conceitos que envolvem idade avançada, diminuição da estatura e fracturas que surgem facilmente por vezes após pequenas tarefas perfeitamente insuspeitas. Vamos hoje conversar sobre este tema.

Considera-se Osteoporose uma condição em que existe uma deficiência quantitativa de tecido ósseo do esqueleto, ou seja uma diminuição de tecido ósseo por unidade de volume.

A Osteoporose, tal como a Hipertensão arterial, é uma doença silenciosa, isto é, só se torna evidente quando surge uma complicação tardia: uma fractura, um acentuar das curvaturas normais da coluna vertebral, uma diminuição da estatura. O diagnóstico faz-se, assim, numa fase avançada da doença.

Por vezes mudar uns móveis, erguer um objecto pesado ou mesmo jardinar podem desencadear uma fractura de uma vértebra, por exemplo. Estas fracturas podem não causar quaisquer dores mas também

podem condicionar dores intensas, que duram 3-4 semanas e que regredem espontaneamente.

A Osteoporose pode ter causas diversas primárias ou secundárias. A Osteoporose primária é a que surge sem motivo aparente no adulto jovem (idiopática do adulto jovem), a pós-menopausa e a senil. Pode ser manifestação e surgir associada a patologia endocrinológica (da hipófise, por exemplo), a problemas nutricionais (alcoolismo crónico, deficiência em Vitamina C, —) ou secundária a diabetes, as doenças cancerosas, à imobilização prolongada —

Uma mulher pós-menopáusica, na década dos 60 anos, deve estar atenta pois é sabido que, a partir da menopausa, a massa óssea decresce cerca de 2% por ano. Em cerca de 20 anos uma mulher perde cerca de 20-30% da massa esquelética total. Torna-se óbvio, após reflectir sobre estes dados, que uma mulher pós-menopáusica deve ser tratada preventivamente.

A vida sedentária com pouco exercício físico e uma alimentação pobre em Cálcio contribuem para a

perda de massa óssea.

Por outro lado, uma alimentação em que haja ingestão exagerada de proteínas promove uma eliminação de Cálcio pela urina e contribui para um balanço negativo de Cálcio.

Associados à Osteoporose surgem factores como o sedentarismo, a dieta pobre em Cálcio, alcoolismo, tabagismo, excesso de ingestão proteica ou de cafeína, história familiar de Osteoporose, menopausa precoce —

Até à data os dois meios comprovadamente eficazes no combate à Osteoporose são o exercício físico e a ingestão adequada de Cálcio. A primeira medida estimula a formação óssea. Um exercício diário como passear a pé durante 30 a 60 minutos é aconselhável. O aporte de Cálcio consegue-se com o simples acto de beber um litro de leite magro por dia ou ingerindo 1 grama de Cálcio elementar.

A profilaxia da Osteoporose, tal como diz o professor Viana de Queiroz, deveria iniciar-se na infância criando hábitos de exercício físico e de consumo de produtos ricos em Cálcio.

Afinal, Leite é Juventude não é? Aconselhe-se com o seu médico. Mantenha-se em forma — pela sua saúde!

Médica do I. P. O., Coimbra

OS MESES E AS PLANTAS

Desta vez iremos mudar um pouco e falar-vos acerca daquelas "ervas" das quais tão poucos de nós sabem recolher todos os benefícios. Tenha em conta que pode, sem grande trabalho, cultivar a maior parte destas plantas em pequenos canteiros da sua horta ou jardim; as outras encontrá-las-á crescendo por entre campos e caminhos.

Sabe, por exemplo que um ramo de cheiros permite substituir uma boa parte do sal utilizado na grande maioria dos cozinhados? Numa altura em que os avisos para evitar o sal se repetem diariamente, visto o seu abuso ser um factor de grande risco e provocador de tantas doenças, tente e vai ver que não notará diferença alguma. Pode utilizar neste ramo: salsa, coentros, tomilho, hortelã, cerefólio, louro, etc., tendo sempre em consideração o gosto particular de cada um, de modo que poderá sempre retirar ou acrescentar outras ervas e condimentos, assim como poderá variar na quantidade de uns e outros.

Em seguida daremos alguns exemplos de "ervas úteis" para todos nós. Dada a sua vulgaridade utilizaremos também, sempre que se justifique, os seus nomes vulgares.

Alecrim — *Rosmarinus officinalis* — Família das Labiáceas. Utilize-o, fresco ou seco, nas marinadas e nas sopas de peixe.

Alfazema — *Lavandulae officinalis* L. — Família das Lamiáceas. Esta planta é a base do tão celebre perfume *Lavanda*. Para a preparar colha as flores nos meses de Junho a Setembro, principalmente em Julho e Agosto, e deixe a macerar, durante um mês, 60 g de flores frescas num litro de álcool a 32 graus. Findo este tempo, filtre e passe para um frasco de perfume.

Arruda — *Ruta graveolens* L. — Família das Rutáceas. Devido ao seu odor e toxicidade o único uso que recomendamos é que utilize alguns ramos frescos nos sótãos invadidos pelos ratos.

Basílico — *Ocimum basilicum* — Família das Lamiáceas. Utilize uma infusão de folhas e flores para aromatizar a água do banho. Plante esta planta (também conhecida por mangerico-grande ou mangerico-de-folha-grande) em vasos e coloque-os nas janelas para afugentar os mosquitos. Na cozinha pode utilizá-lo fresco ou seco para aromatizar arroz, caldos, molhos, legumes e saladas.

Cebolinho — *Allium cepa* L. — Família das Liliáceas. O cebolinho é nem mais nem menos do que a planta nova da cebola que se utiliza quando está pronta para ser transplantada. Pode utilizar esta planta fresca ou então conservada em vinagre; com ela aromatize: aves, ovos, caldos, sopas ou molhos, carne assada ou estufada, saladas ou até mesmo em pratos da cozinha chinesa.

Cerefólio — *Anthriscus cerefolium* L. — Família das Umbelíferas. Utilize-o fresco para condimentar aves, carne, marinadas e sopas.

Coentro — *Coriandrum sativum* — Família das Umbelíferas. Esta planta com propriedades estimulantes pode ser utilizada fresca para aromatizar peixes e bacalhau, carne assada ou aves, legumes e vegetais, sopas de couves ou legumes, e saladas.

Por agora ficamos por aqui, nos próximos números continuaremos com este tema com a convicção de que haverá sempre muito mais a dizer.

F. M.

VITOR MANUEL GOMES SANTOS



EMPREITEIRO DE CONSTRUÇÃO CIVIL

CONSTRUÇÃO E VENDA DE ANDARES E MORADIAS

OLHOS DE ÁGUA, 205-A
Tel. 501031 - Residência
Telemóvel 0931212708

8200 ALBUFEIRA
ALGARVE

A publicidade
é a alma do
negócio

Anuncie neste
jornal

CLUBE DE VÍDEO CARDOSO

Reportagens:

- Reuniões
- Casamentos
- Festas/Baptizados
- Festas/Apresentações
- Passagem de modelos, etc.

Serviços com sonorização e títulos

- Conversão de filmes 16 mm para VHS, BETA e VÍDEO 8
- Conversão de filmes 8 super 8 mm para VHS, BETA e VÍDEO 8
- Conversão de slides para VHS, BETA e VÍDEO 8
- Conversão de fotos para VHS, BETA e VÍDEO 8
- Cópias de e para VHS, BETA, e VÍDEO 8
- Conversão de NTSC e Secam para PAL (trabalho amador)

Centenas de filmes de todos os géneros, originais,
selados e legendados em português:

Aventuras, suspense, terror, dramas, romances,
desenhos animados, policiais, westerns, artes
marciais, comédias, musicais, acção, etc.

NOVIDADES
LANÇADAS
TODOS
OS
MESES

TELEF. P.P. 52310

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Café do Almiro

SERVIÇO DE BAR E SALA DE JOGOS
ABERTO ATÉ ÀS 2 HORAS DA MANHÃ

TELEF. 34151 - AREGA - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

TELEFONES
Resid.: 34246
Praça: 34260
e 34151



AUTOMÓVEIS
DE ALUGUER
EM AREGA

GERÊNCIA DE **ADELINO DOS SANTOS COELHO**
COM AUTOMÓVEIS DE ALUGUER PARA O PAÍS E ESTRANGEIRO
SERVIÇO PERMANENTE

AREGA

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ANTÓNIO TEIXEIRA DA SILVA
LADRILHADOR

ENCARREGA-SE DE TODOS OS
TRABALHOS
REFERENTES À SUA ARTE

COM ORÇAMENTOS GRÁTIS

BREJO - AREGA
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

A Floresta dá
Vida;

Não lhe pague
com a morte

Pensão Dinis

Estrada de Alvaizere
Telef. 36263

Café Luanda

Frente à Praça Nova
Telef. 36260

AGÊNCIA

TOTOLOTO - TOTOBOLA - JOKER

DUAS CASAS, UM LEMA: BEM SERVIR
Gerência de Fernando Ferreira Dinis
CABAÇOS - 3250 ALVAIZERE

RAUL ONOFRE DA SILVA HENRIQUES

TELEF. 036-34280-34233

- Pronto-a-vestir
- Venda e aplicação de alcatifas
- Electrodomésticos
- Revestimentos para automóveis

AREGA - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ZULMIRA FERNANDES

ADVOGADA

Praça Dr. António José Pimenta, nº 4, Sótão - (Junto à MARIBEL)

Telef. 52313 - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

TODOS OS DIAS DAS 14,30 ÀS 18,30 HORAS

A FERRARIA DA FOZ DE ALGE

(Continuação da página 4)
ferro até recomendações para por termo às desavenças dos empregados.

Por outro lado, José Bonifácio persuadiu o Governo a não conceder privilégios a indivíduos que pretendiam também trabalhar na indústria do ferro.

Em 1815 a produção melhorou, sobre as ordens de João Craveiro, nomeado feitor. Apesar da fábrica estar a funcionar bastante bem, os mercados não absorviam os produtos. Estabeleceram-se, apesar de tudo, armazéns de venda em Figueiró dos Vinhos, Tomar e Sertã.

Em Dezembro de 1816 procurou limitar-se o número de trabalhadores, pois os salários pesavam bastante nas despesas da ferraria.

É curioso verificar o desinteresse do Governo pela indústria.

O Arsenal da Marinha não pagava a sua dívida relativa a

uma encomenda de 9 mil arrobas de lastro para a Nau.

Por outro lado, José Bonifácio tentou lançar no mercado produtos de fabricação inglesa, como panelas e caçarolas de ferro fundido.

Só que os produtos ingleses eram de muito maior perfeição.

Tentou-se, infrutiferamente, produzir nas ferrarias pregos, mas o preço a que saíam da fábrica era muito elevado, e não dava o rendimento esperado. Tentou-se também trabalhar o aço mas saiu de má qualidade.

José Bonifácio de Andrada e Silva, desiludido com o mau funcionamento das ferrarias, sobre o qual não conseguiu ter pulso, acabou por partir para o Brasil indigitando, Alexandre Vaudelli para a direcção económica e técnica da Intendência. Vicente Pinto de Miranda foi nomeado para seu ajudante.

(Continua)

Quem conta um conto...

O FILHO BIRRENTO

Esta história é daquelas que se passaram em épocas atrasadas, se passam no presente e se passarão no futuro. É a história de certo filho que, tendo tirado um curso superior, começou a lançar-se na vida até que chegou à presidência de uma firma média, nem muito desenvolvida nem muito atrasada.

Quando chegou a altura de se fazerem eleições para a gerência da firma e tendo o tal senhor conquistado o lugar, começou a gerir a empresa, por sinal com muita competência. Todos os empregados gostavam dele já que era muito zeloso do seu trabalho. Continuou bem visto até que os donos começaram a duvidar da sua competência e se reuniram para melhor fiscalizarem a sua maneira de trabalhar.

Foi então que o dito Doutor fez a sua primeira birra; primeiro ameaçou que sairia da firma, mas como ali estava tão bem e, além disso nada mais sabia fazer, reconsiderou e resolveu ficar.

Continuou por mais alguns anos até que tendo chegado a altura de fazer novas mudanças na firma resolveu fazer chantagem com os empregados ameaçando que se demitiria se não conseguisse todos os seus votos. Os empregados lá voltaram a dar-lhe luz verde e ele lá continuou. Mas as birras iam aparecendo cada vez com maior frequência, até que os empregados começaram a sentir-se aborrecidos de tanto

(Continua na página 8)

OS TRÊS DÊS DE ABRIL

Naquela madrugada distante de 1974, pelas 3 horas da manhã passava na rádio uma canção de Paulo de Carvalho, "E Depois do Adeus", e só alguns sabiam que aquele era o primeiro sinal para a sublevação militar que se aproximava. Pouco depois "Grândola Vila Morena" confirmava a primeira mensagem.

Estavam assim lançados os dados para uma mudança radical na sociedade portuguesa. Mudança inevitável face à constante pressão internacional em relação à política colonialista portuguesa, ao atraso abismal do nosso desenvolvimento, à contestação crescente que vinha dos próprios seguidores do regime. Se não fosse o 25 de Abril seria outro dia qualquer, porque o tempo da política do "orgulhosamente só" tinha terminado. Aqui ao lado, em Espanha, acabou por suceder o mesmo, embora sem golpe de Estado. As circunstâncias assim o exigiam.

É evidente que muitos excessos e barbaridades foram cometidos em nome do proletariado, utilizado como charneira de interesses inconfessáveis, e muitos objectivos ficaram por cumprir. Mas aqueles que passaram pelos calabouços só pelo delito de terem uma opinião diferente jamais

esquecerão essa madrugada por eles tão ansiosamente esperada.

Cumpriram-se as canções do Zeca, do Adriano, do Fanhais, as convicções de Ribeiro dos Santos, Dias Coelho, as lutas de camponeses e operários pelas oito horas de trabalho, pelo subsídio de férias e Natal.

Não se cumpriram integralmente os três Dês do Movimento das Forças Armadas:

Desenvolver, desenvolveu-se, mas os Portugueses, que estão duas vezes mais ricos que há vinte anos, com mais carros, mais máquinas domésticas, mais médicos, continuam como dantes: apenas conseguem superar os Gregos em poder económico, e o rendimento médio em relação à CEE é inferior em 42%.

Descolonizar, descolonizou-se, mas mal e porcamente, à custa de muitos sacrifícios, e continuamos com o espinho de Timor enterrado na garganta.

Democratizar, sim, esse foi o único objectivo conseguido: elegem-se os Deputados, critica-se o Governo, bebe-se uísque, cospe-se na rua, vai-se de mini-saia à missa, e eu posso escrever calmamente este artigo sem receio de poder malhar com os costados numa prisão.

Almiro Moraes

STÚDIO SÉRGIO

EXPRESS - 30M

RAPIDEZ, QUALIDADE, BAIXO PREÇO
EXECUTAM-SE MOLDURAS EM TODOS OS TAMANHOS
GRANDE SORTIDO EM ÁLBUNS MODERNOS

Av. do Padre Diogo de Vasconcelos (ao lado da Rodoviária)
Telef. 036-52622 3260 Figueiró dos Vinhos

A.M.A.®

Auto Monumental do Areeiro, SA

concessionários



oficinas e peças



SEDE - STAND - Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 - 1000 LISBOA Telef. 849 41 85 - 847 53 67 - Fax 804 775 - NOVO STAND - Av. da Igreja, 63 - C 1700 LISBOA - Telef. 797 72 33 - 795 51 00

40 ANOS FAZEM A DIFERENÇA

REGULAMENTOS DA PESCA

(Continuação da página 5)

Lagostim Vermelho — Todo o ano. 7 cm de c. m.
Lagostim de pés brancos (d) — 1 de Junho a 31 de Agosto. 9 cm de c. m.

Pardelha, Ruivaco, Verdemã, Esganagata, Lúcio, Gambúzia, Tainha, Góbio, Chanchito, Perca sol — Todo o ano.

EXCEPÇÕES AO CALENDÁRIO

a) O período de pesca fica compreendido entre o dia 1 de Março e 31 de Agosto inclusive, nos cursos de água ou seus troços, a seguir mencionados:

Rio Alfusqueiro e afluentes — todo o curso

Rio Arda e afluentes — todo o curso

Rio Baceiro — todo o curso

Rio Beça ou Bessa — todo o curso a jusante da Ribeira da Portagem, no concelho de Montalegre

Rio Coura — todo o curso a jusante da Ribeira da Patanha

Rio Mondego — todo o curso a jusante da ponte de Mizarela

Ribeiras de Oleiros e Sertã — todo o curso

Rio Rabaçal — todo o curso

Rio Tuela — todo o curso

Rio Vade — todo o curso a jusante da confluência do Ribeiro de Fervença

Rio Vez — todo o curso

Rio Zêzere — na zona dos salmonídeos

O período de pesca à truta nas águas a seguir mencionadas fica compreendido entre o dia 1 de Abril e 30 de Setembro inclusive:

Albufeiras de Pisões ou Alto Rabagão, Venda Nova, Sezelhe, Tourém e Paradela do Rio.

b) O período de pesca fica compreendido entre o dia 1 de Março e 30 de Setembro inclusive, nos cursos de água a seguir mencionados:

Rio Ancora — a jusante da ponte de Abadim

Rio Lima — a jusante da confluência do Rio Vez

Rio Neiva — a jusante da ponte de Samariz, na E.N. nº 204

Rio Cávado — a jusante da ponte do Prado, na E.N. nº 201

c) Abertura da pesca antecipada para 16 de Maio, mas apenas para a modalidade desportiva. Na pesca de competição é obrigatório o uso da manga, na qual podem ser retidos exemplares com quaisquer dimensões.

d) Só às 5^{as} feiras, domingos e feriados nacionais e, até 40 exempla-

res.

CLASSIFICAÇÃO DAS ÁGUAS

Cursos de água que se situam na zona de águas salmonídeas, mas que não o são:

Rio Águeda e seus afluentes — a jusante da confluência do Rio Agadão até à foz

Rio Alva — todo o curso a jusante da sua entrada na povoação de Sandomil

Rio Ancora — todo o curso a jusante da ponte de Abadim

Rio Arouce — todo o curso a jusante da fábrica da Cª do Papel do Prado

Rio Ave — todo o curso a jusante da ponte de Brito

Rio Cávado — a jusante da Barragem de Penide até à foz. Também não são salmonídeas as albufeiras de Salomonde e Caniçada

Rio Ceira — todo o curso a jusante da Barragem de Monte Redondo

Rio Côa — todo o curso a jusante da ponte de S. Roque

Rio Corgo — todo o curso a jusante da sua entrada na cidade de Vila Real

Rio Coura — todo o curso a jusante da ponte de Vilar de Mouros

Rio Dão — todo o curso

Rio Fervença — todo o curso desde a confluência dos Ribeiros de Castro e de Vale de Conde até à foz

Rio Leça — todo o curso

Rio Lima — todo o curso a jusante da ponte de Ponte da Barca

Rio Maças — todo o curso nos concelhos de Bragança e Vimioso até à foz

Rio Mondego — todo o curso a jusante da ponte E.N. nº 102 que liga Celorico da Beira a Trancoso

Rio Neiva — todo o curso a jusante da ponte que atravessa a estrada nacional Viana do Castelo/Barcelos

Rio Paiva — todo o curso a jusante da ponte de Nodar

Rio Pinhão — todo o curso a jusante do limite sul da mata do Bragão

Rio Rabaçal — todo o curso a jusante da ponte de Rebordelo

Rio Sabor — todo o curso a jusante da confluência da Ribeira de Vila Nova

Rio Tâmega — todo o curso em território nacional

Rio Tua — desde a confluência dos Rios Rabaçal e Tuela até à foz

Rio Tuela — todo o curso a jusante das minas de Ervedoso

Rio Vez — todo o curso a jusante da confluência do Rio Azere

Rio Vouga — todo o curso a jusante da ponte de S. Pedro do Sul

Rio Zêzere — todo o curso a jusante da ponte de Valhelhas

Cursos de água classificados de

salmonídeos na zona de águas ciprinídeas:

Ribeira de Alge — todo o curso

Ribeira da Azenha — todo o curso a montante da ponte das Pontes

Ribeira de Espinho — todo o curso a montante da ponte de Cadaixo

Ribeira de Isna — todo o curso

Ribeira da Sertã — todo o curso

Ribeira das Truta — todo o curso

Rio Antuã — todo o curso

Rio Caster — todo o curso

Rio Sever — todo o curso nacional numa extensão de 18 km a partir da nascente

Rio Ulma — todo o curso.

PENALIDADES

Esta será talvez a parte da legislação de que as pessoas menos gostam, mas é através da sanção que a lei, na generalidade, se faz cumprir.

Assim, e não vamos enumerar os artigos, por enfadonho, temos que a utilização de explosivos, correntes eléctricas, venenos e tudo o que cause morte ou atordoamento de peixe é punida com prisão não inferior a 4 meses e multa. Note-se que incorre também em culpa o ou os acompanhantes e quem disso tire proveito.

Destruir voluntariamente desovatórios ou viveiros — prisão até 2 meses e multa.

Pesca de espécies proibidas ou nas épocas de defeso — prisão de 10 a 40 dias e multa.

Pescar espécies com medidas inferiores às estipuladas e não as devolver à água — 10 a 30 dias de prisão e multa.

Arremessar à água corpos em decomposição, substâncias putres-cíveis ou nocivas à vida dos peixes; extrair areias, pedras, lodos e outros inertes sem licença em zonas de reserva de pesca; escavar ou revolver o leito dos cursos de água por meio de varas ou quaisquer instrumentos de forma a prejudicar o abrigo dos peixes; vagueação de aves aquáticas domésticas em águas públicas — prisão de 1 a 10 dias e multa.

Venda, compra, transporte e exposição de peixe fresco durante a época de defeso — prisão de 6 a 20 dias e multa.

São estas talvez as contravenções mais importantes no que respeita à pesca em águas interiores, havendo no entanto outras.

Não esqueça que a simples tentativa, mesmo frustrada, de qualquer destes actos é igualmente punida e que todo o material de pesca é apreendido, podendo o mesmo acontecer com os meios de transporte.

Continuamos com saldo negativo

Mau grado os esforços que temos levado a cabo para conseguir fazer o jornal mais barato e as ajudas que temos recebido da parte de amigos da nossa terra, o nosso saldo continua deficitário.

Não será talvez demais lembrar que este jornal é feito essencialmente para todos aqueles que têm alguma afinidade com Arega, quer por nascença quer por outros quaisquer laços, sendo os lucros das pessoas que o fazem e nele colaboram igual a zero, ou melhor, igual a menos zero porque dão do seu tempo e às vezes do seu dinheiro a troco de nada.

As despesas de tipografia, expedição e manutenção cifram-se agora na bitola dos 100 contos por número (já foi mais caro) e as receitas estão bastante aquém desse montante.

É desencorajante ver que pessoas da freguesia, com obrigação moral de minimamente contribuírem para a valorização da sua terra, e que mantêm anúncios em rádios, certamente mais mediáticos mas muito mais caros, se recusam a fazer um reclame, por mais pequeno que seja, no nosso jornal.

Felizmente existem aqueles, e alguns nem são areguenses, que compreendem a nossa missão e nos vão ajudando a levar a água ao moinho. Esses sabem que para colher é preciso semear.

Lembramos que a publicidade de Conservatórias e de Tribunais obrigatória por lei e que se refira a empresas ou registos da nossa freguesia pode e deve ser publicada neste jornal. Não o tem sido, com certeza, por desconhecimento dos interessados.

Não pedimos esmolas, pedimos apenas que nos deixem informar. E é ou não é a publicidade uma forma de informação?

Outro dos nossos objectivos é a angariação de assinantes. Se cada assinante trouxer outro, o futuro do jornal está garantido.

Quem conta um conto...

(Continuação da página 7)

disparate e a duvidar da sua atitude perante os patrões. Começaram a falar uns com os outros, e reparavam que quanto mais lhe obedeciam e melhor lhe falavam mais exigente ele se tornava. O falatório foi tanto que o dito senhor não teve outro remédio senão pedir um voto de confiança que, claro está, lhe foi imediatamente negado.

Foi ver então o dito senhor que, perdendo toda a classe, desatou aos gritos nos maiores

impropérios e inconveniências, dizendo que não precisava de ninguém, saindo então de bigode arrebitado e todo senhor de si.

A dita firma arranhou logo de seguida outro administrador, para o mesmo lugar, funcionário muito mais jovem mas cheio de óptimas ideias, de excelentes projectos e de boa vontade, tendo também uma óptima relação com todos os funcionários.

A firma, essa continua de pé e talvez com mais força do que antigamente.

Américo da Silva Ferreira

Futeb I Campeonato distrital

RESULTADOS DA ÚLTIMA JORNADA DO CAMPEONATO DA ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE LEIRIA

Divisão de Honra:

Caranguejeira - Gaieirense, 1-3; Alfeizerense - Desportiva de Figueiró dos Vinhos, 2-1; Batalha - Boavista, 2-2; Vieiraense - Portomosenense, 2-2; Alqueidão da Serra - Praia da Vieira, 1-1; Nazarenos - Bidoieirense, 0-0; Alvaiázere - Burinhosa, 2-0; Estrada - 22 de Junho/Amor, 4-1.

Comandam o 22 de Junho e o Portomosenense com 63 pontos.

A Desportiva e o Alvaiázere mantêm vivas as esperanças de manutenção neste escalão.

Primeira Divisão, zona Norte:

Ramalhal - Regueira de Pontes, 0-1; Castanheira de Pera - Moita da Roda, 1-0; Ilha - Motor Clube, 0-1; Arcuda - Pelariga, 2-1; Casal da Quinta - Santo Amaro, 1-2; Barracão - Guiense, 2-2; Moita de Boi - Barreiros, 4-1; Chão de Couce - Pedrogueiro, 4-0.

Comandam o Ramalhal e o Moita de Boi, com 66 pontos.

Segunda Divisão, série A:

Ranha - Vermoil, 0-1; Redinha - Várzeas, 3-3; Avelarense - Pou-salfores, 3-2; Unido - Carreirense, 4-0; Almagreira - Mata Mourisca, 2-2.

Comanda o Avelarense, com 47 pontos.

FUNDADO EM 1952 - RESTAURADO EM 1987
41 ANOS A SERVIR OS SEUS CLIENTES



Gerência de Evaristo Borges e António Costa
AVENIDA DE PARIS, 4-B - TELFS. 848 66 51/848 08 38 - 1000 LISBOA



Almiro J. Silva, Lda.
CONSTRUÇÃO - ANDARES - PRÉDIOS

ESCRITÓRIO: AV. 5 DE OUTUBRO, 256, 3º, ESQ. - 1600 LISBOA
Telefs.: 795 29 94 - 793 45 28 - 942 33 77 - Fax: 795 29 96



Registos no Min. da Justiça: publicação periódica
nº 117 450; empresa jornalística nº 217 449.

A. R. C. A.
AREGA — 3260 Figueiró dos Vinhos

Exmo(a). Sr(a):

F. VINHOS
TAXA PAGA

Propriedade: Associação Recreativa e Cultural Areguense — Contribuinte nº 501078860.

Director: Almiro Antunes Morais.

Director-Adjunto: Pedro Alves Ferreira.

Colaboradores: Céu Coelho - D. Alice Baião Morais - Dina Morais Lopes - Drª Helena Serra Fernandes - Drª Manuela - Drª Paula Pinto Alves - Elsa Morais Lopes - Fernanda Morais - Sandra Henriques - "Tia Li" - Américo Silva Ferreira - António Teixeira Silva - Emílio Borges Gomes - Manuel Conceição Lopes - "Maroco" - Padre Anibal - Padre José Escaroupa - Raul Henriques.

Redacção: Filial em Lisboa — Trav. Limoeiros, A, r/c, dto., 2675 Odivelas - telf. 933 31 94.

Composição, montagem e impressão: Gráfica Abreu & Simões, Lda., Cabaços, 3250 Alvaiázere.

Tiragem deste número: 2000 exemplares.

NOTA: — Se receber três números deste jornal sem os ter pedido e não os devolver, será automaticamente considerado(a) assinante.